

CRÍTICA • CINEMA

No quarto de Youri

Na sobreposição entre o documento e o idealismo romântico, sonhadamente melancólico, este filme nunca se perde.

Gagarine ★★☆☆☆

Luís Miguel Oliveira

3 de Fevereiro de 2022, 7:22



Eis um filme capaz de injectar algum fôlego ao género do cinema de inspiração social, entre o documento da realidade e a elaboração mais ou menos romântica, e que nunca se confunde com o martelar de ideias feitas na cabeça do espectador. *Gagarine*, em homenagem ao famoso cosmonauta russo, era o nome de um bairro construído nos anos 60, num município dos subúrbios parisienses dirigido por uma *mairie* comunista, para albergar uma população constituída sobretudo por operários. Ao longo das décadas que passaram, o bairro sofreu as mutações sofridas por tantos subúrbios equivalentes, da variação demográfica (os operários deram lugar a uma população maioritariamente imigrante, vinda das ex-colónias africanas) à devastação económica, com os

consequentes efeitos sociais (violência, tráfico de droga). Mas permaneceu um símbolo de uma época, que já parece longínqua, em que o idealismo esquerdista tinha um efeito não apenas transformador da realidade, mas criador de realidade, através das várias câmaras comunistas na cintura de Paris. A inserção de abundantes imagens de arquivo em *Gagarine*, documentando várias destas transformações, garante que o espectador do filme de Fanny Liatard e Jérémy Trouilh, mesmo que nunca tivesse antes ouvido falar daquela “*cité*”, ficará a saber bastante sobre o lugar e a sua história.



★★★★☆

Gagarine

Realização: Fanny Liatard, Jérémy Trouilh

Actor(es): Alseni Bathily, Lyna Khoudri, Jamil McCraven

 YOUTUBE

Muito recentemente, o bairro foi demolido, depois de uma inspecção sanitária ter detectado quantidades perniciosas de amianto nos edifícios. Esta ameaça de destruição – efectivamente concretizada já depois da rodagem do filme – está na génese do filme de

Liatard e Trouilh, que nele expandiram uma curta-metragem que já tinham feito sobre o assunto. São os últimos dias de um bairro, ou, mais do que isso, de uma comunidade, seguidos através de umas quantas personagens que ainda tentam o que lhes for possível para reverter o processo. Liatard e Trouilh filmam bem o bairro, a sua arquitectura, os seus edifícios, a “colmeia” das suas ruas – a espaços, embora sejam filmes que falem linguagens muito diferentes, é como um parente mais ou menos distante de *No Quarto da Vanda*, o filme de Pedro Costa que também captava o princípio da destruição de um bairro (<https://www.publico.pt/2020/08/07/culturaipsilon/noticia/20-anos-quarto-vanda-1927127>) (o das Fontainhas). Sempre muito próximo das suas personagens e do idealismo delas, *Gagarine* cruza bem o carácter “concreto” das suas imagens com uma hipótese de romantismo, sonhador e melancólico.

E aí entramos “no quarto de Youri”, o jovem protagonista negro, que sonha em ser cosmonauta, como se essa fosse a consequência natural de se habitar o “espírito” de Yuri Gagarin. Engenhosamente, o filme vai tratando a *citê* de *Gagarine* como se fizesse um documentário espacial – é ver, numa rara utilização dos planos de *drone* com um sentido de propósito, aquela câmara que flutua sobre as ruas e os telhados do bairro como se na ausência de gravidade – sendo certo que nos fala e nos mostra algo que é, já, de “outro planeta”. E, nessa sobreposição entre o documento e o idealismo romântico, sonhadamente melancólico, o filme nunca se perde, como nunca se perde o seu enraizamento entre a História, o presente, e a possibilidade de um futuro para os seus jovens protagonistas. Boa surpresa.